

# A Geografia na Contemporaneidade

## 2

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes  
(Organizadora)

# A Geografia na Contemporaneidade 2

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 A geografia na contemporaneidade 2 [recurso eletrônico] / Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (A Geografia na Contemporaneidade; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-019-3

DOI 10.22533/at.ed.193182112

1. Geografia – Educação. 2. Geografia humana. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 910

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra *“A Geografia na Contemporaneidade- Geografia, educação e território”* aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seu II volume, apresenta, em seus 26 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase na educação, comunidades tradicionais e território.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, educação, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras, etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como educação, comunidades tradicionais, território.

Neste sentido, este volume é dedicado a Geografia humana. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos Geógrafos e profissionais de áreas afins, em desvendar a realidade dos espaços geográficos.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

## SUMÁRIO

### GEOGRAFIA, EDUCAÇÃO E TERRITÓRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
COMO APRENDEMOS A ENSINAR GEOGRAFIA? A EXPERIÊNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR SOCIAL	
<a href="#">Ana Carolina Lydia</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821121	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS: OBSERVAÇÃO DO ENSINO E UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA DO ALUNO E DO PROFESSOR NA CIDADE DE CAICÓ/RN	
<a href="#">Iapony Rodrigues Galvão</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821122	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>25</b>
O CONCEITO DE LUGAR NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS	
<a href="#">Ismael Donizete Cardoso de Moraes</a>	
<a href="#">Vanilton Camilo de Souza</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821123	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
POLÍTICA PÚBLICA “ESCOLA DA TERRA”: PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA PARA OS PROFESSORES DAS ESCOLAS DO CAMPO NA BAHIA	
<a href="#">Cássia Hack</a>	
<a href="#">Celi Nelza Zülke Taffarel</a>	
<a href="#">Sicleide Gonçalves Queiroz</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821124	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E AS DICOTOMIAS ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
<a href="#">Reinaldo Pacheco dos Santos</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821125	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
AÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA AOS HAITIANOS NO BRASIL	
<a href="#">Fátima Regina Cividini</a>	
<a href="#">Valdir Gregory</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821126	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MARACUJÁ EM CONCEIÇÃO DO COITÉ- BA: UMA LEITURA SOCIOESPACIAL DA REALIDADE.	
<a href="#">Romisval Silva dos Santos</a>	
<a href="#">Elane Bastos de Souza</a>	
DOI 10.22533/at.ed.1931821127	

**CAPÍTULO 8 ..... 83**

COMUNIDADES TRADICIONAIS DE FUNDOS DE PASTO NA DEFESA PELOS DIREITOS TERRITORIAIS: O QUE ESPERAR DA LEI ESTADUAL 12.910/2013

[Vanderlei Rocha Lima](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1931821128**

**CAPÍTULO 9 ..... 95**

O RETORNO DOS KAINGANG À TERRA INDÍGENA INHACORÁ APÓS A DESAPROPRIAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

[Alice do Carmo Jahn](#)

[Gabriela Manfio Pohia Lisboa Neris](#)

[Elaine Marisa Andriolli](#)

[Antônio Joreci Flores](#)

[Maria da Graça Porciúncula Soler](#)

**DOI 10.22533/at.ed.1931821129**

**CAPÍTULO 10 ..... 109**

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: UMA ANÁLISE DO ASSENTAMENTO NOVA ESMERALDA DO TERRITÓRIO RURAL DOS CAMPOS DE CIMA DA SERRA - RS

[Alessandra Daiana Schinaider](#)

[João Ernesto Pelissari Candido](#)

[Daiane Netto](#)

[Anelise Daniela Schinaider](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211210**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

O ESTADO QUE DÁ COM UMA MÃO E NEGA COM A OUTRA: A ATUAL CUJUNTURA DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS NO BRASIL PELO Cimi

[Yasmine Altimare da Silva](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211211**

**CAPÍTULO 12 ..... 127**

TERRITORIALIDADE CONSCIENCIOLÓGICA: CARACTERIZAÇÃO DE UM FLUXO MIGRATÓRIO FRONTEIRIÇO

[Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva](#)

[Valdir Gregory](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211212**

**CAPÍTULO 13 ..... 141**

TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E O TURISMO COMO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NA TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, PARAGUAI E ARGENTINA

[Guilherme de Barros Melo](#)

[Orlando Bispo dos Santos.](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211213**

**CAPÍTULO 14 ..... 152**

TRAMAS QUE APROXIMAM A JUVENTUDE RURAL NO TERRITÓRIO CENTRO-SUL DO PARANÁ: OLHARES DESDE AS IDENTIDADES, A AUTONOMIA E A TERRITORIALIDADE

[Cristiane Tabarro](#)

[Alvori Ahlert](#)

[Valdinéia Ferreira](#)

**DOI 10.22533/at.ed.19318211214**

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
O DESEMPENHO DA POLÍTICA TERRITORIAL NO DESENVOLVIMENTO RURAL DO TERRITÓRIO VALE DO PARAÍBA	
Maria José Ramos da Silva	
Renata Felinto Farias Aires	
Rosivaldo Gomes de Sá Sobrinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>182</b>
OS CONFLITOS NO CAMPO DO TOCANTINS: A BARBÁRIE PERMANECE	
Alberto Pereira Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>193</b>
UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO	
Julie Mathilda Semiguem Pavinato	
Emerson Ferreira da Silva	
Irene Carniatto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>208</b>
AS TESSITURAS DO MUNDO DO TRABALHO EM ITABAIANA-SE	
José Danilo Santos Cavalcanti de Araujo	
Maria Morgana Santos Santana	
Lucas de Andrade Lira Miranda Cavalcante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>218</b>
DO CONCRETO A MEMÓRIA: O MONUMENTO COMO REPRESENTAÇÃO	
Samuel Cabanha	
André Avelino Cabanha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>233</b>
ELEMENTOS ESPACIAIS E CENTRALIDADE PERIFÉRICA - O CASO DE TEFÉ NO AMAZONAS	
Kristian Oliveira de Queiroz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>249</b>
FORMAS DE ACESSO À TERRA EM FEIRA DE SANTANA (BA): UMA ANÁLISE A PARTIR DO TERRITÓRIO.	
Ângela Carine Felix de Oliveira Matos	
Gilmar Oliveira da Silva	
Elane Bastos de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>260</b>
REPRESENTAÇÕES DOS CONSELHEIROS SOBRE A ARTICULAÇÃO CULTURA E NATUREZA NA GESTÃO DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL SERRA DONA FRANCISCA	
Fernanda Dalonso	
Mariluci Neis Carelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211222</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>269</b>
O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA, ESPECULAÇÃO FUNDIÁRIA E O CONJUNTO HABITACIONAL NAIR BARRETO NA CIDADE DE XIQUE-XIQUE-BA	
Janes Terezinha Lavoratti Marciel Todão da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>280</b>
PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM CIDADES PEQUENAS: UM ESTUDO DE GUARACIAMA/MG	
Aline Fernanda Cardoso Valéria Aparecida Moreira Costa Iara Soares de França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>294</b>
EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA DO MUNICÍPIO DE JUIZ DE FORA/MG, NO PERÍODO 1850/1920: POPULAÇÃO, CAFÉ E TERRITÓRIO	
Pedro José de Oliveira Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>309</b>
TURISMO RELIGIOSO: UMA ANÁLISE DO SANTUÁRIO BOM JESUS DA CANA VERDE – SIQUEIRA CAMPOS – PR	
Guilherme Ferrari Oliveira Rodrigo Aparecido Mendonça Vanessa Maria Ludka	
<b>DOI 10.22533/at.ed.19318211226</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>319</b>

## TERRITORIALIDADE CONSCIENCIOLÓGICA: CARACTERIZAÇÃO DE UM FLUXO MIGRATÓRIO FRONTEIRIÇO

**Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
(UNIOESTE)

Programa de Pós-graduação em Sociedade,  
Cultura e Fronteiras  
Foz do Iguaçu – Paraná

**Valdir Gregory**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
(UNIOESTE)

Programa de Pós-graduação em Sociedade,  
Cultura e Fronteiras  
Marechal Cândido Rondon – Paraná

**RESUMO:** O capítulo aborda a territorialidade conscienciológica. O objetivo principal foi caracterizar a matriz ou o ponto de referência dessa territorialidade, o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), localizado em Foz do Iguaçu (PR) e construído a partir da migração de voluntários. Foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa documental, levantamento bibliográfico e fotografias. Concluiu-se que tal territorialidade possui especificidades espaciais, tanto no aspecto geográfico quanto abstrato, observadas em edificações e monumentos criados assim como pela linguagem utilizada na nomeação desses lugares, em um misto de transformação territorial, cognitiva-linguística e social.

**PALAVRAS-CHAVE:** territorialidade; migração; fronteira; conscienciologia.

**ABSTRACT:** The chapter deals with conscienciological territoriality. The main objective was to characterize the matrix or reference point of this territoriality, the Center for Higher Studies of Conscienciology (CEAEC), located in Foz do Iguaçu (PR) and built from the migration of volunteers. The following methodological procedures were used: documentary research, bibliographical survey and photographs. It was concluded that such territoriality has spatial specificities, both in the geographical and abstract aspects, observed in buildings and monuments created, as well as in the language used to name these places, in a mixture of territorial, linguistic-cognitive and social transformation.

**KEYWORDS:** territoriality; migration; border; conscienciology.

### 1 | INTRODUÇÃO

Esse trabalho, que integra os estudos em desenvolvimento de doutorado, trata da territorialidade conscienciológica, sua caracterização a partir de um fluxo migratório para Foz do Iguaçu, situada na região da tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina.

O tema da migração conscienciológica foi o foco de outro artigo disponível na internet, no *site* da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (ANINTER-SH), anais do CONINTER 4 – 2015 (grupo de trabalho 16). Neste texto, foi dada ênfase no histórico, caracterização e motivações envolvidas na migração.

Mas de que modo a migração conscienciológica relaciona-se com a organização de uma territorialidade específica? O que é e como se caracteriza a territorialidade conscienciológica? Essa é a problemática a ser desenvolvida nesse texto.

A partir de 1995, um grupo de estudiosos e voluntários de uma instituição dedicada à pesquisa da consciência humana de modo multidimensional, abrangendo aspectos físicos, energéticos, emocionais e mentais, não-restrita ao cérebro, começam a migrar para Foz do Iguaçu a fim de estabelecer um centro de investigação não-convencional.

Tal centro de estudo vai configurando-se aos poucos como um campus universitário, com laboratórios, biblioteca, auditório, alojamento, salas de aula, cursos, porém sem vinculação com poder público ou privado, com características estatutárias de apartidarismo, não-religiosidade, sem fins de lucro, fundamentado no voluntariado consciencial dedicado à educação, à pesquisa e às atividades culturais.

A Conscienciologia é uma proposta de ciência da personalidade humana, indo além dos padrões ou epistemologias materialistas. É desenvolvida nesse centro de pesquisa em Foz do Iguaçu, denominado Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC), assim como em 23 instituições voltadas para o estudo de suas especialidades, que se localizam na mesma cidade e em outros locais no Brasil e no Exterior.

O CEAEC é considerado a matriz ou o principal ponto de referência do que se objetiva caracterizar nesse trabalho, a territorialidade conscienciológica. Para o desenvolvimento desse estudo, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: a pesquisa documental, o levantamento bibliográfico e fotografias adquiridas tanto em documentos dos migrantes quanto da internet.

O tema do artigo é relevante, pois expõe um modo de vida fronteiriço e suas implicações territoriais, tanto por meio da transformação do espaço quanto pela renovação lexical realizada em nomes de ruas e do próprio bairro onde se localiza.

## **2 | FRONTEIRA, ESPAÇO, LUGAR, TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE**

Como conceber fronteiras e territórios em tal discussão? O que significam para o meio acadêmico? E para os migrantes?

Segundo Antônio Myskiw (2005, p. 226-227), *fronteira* costuma significar limites entre duas ou mais situações. Ela pode apontar onde tem início ou fim um determinado território, estabelecendo soberania. Pode servir para assinalar o que pertence e o que não pertence. Significa, pois, domínio, poder. Há uma diversidade de tipologias de fronteira. Ao mesmo tempo em que a fronteira se constituiria num “cenário de

intolerância, ambição e morte”, no entender de José de Souza Martins (MARTINS, 1997, p. 11), seria, também, “lugar da elaboração de uma residual concepção de esperança, atravessada no milenarismo da espera do advento do tempo novo, um tempo de redenção, justiça, alegria e fartura”.

Itinerários e lugares desdobram-se em um determinado espaço. De acordo com Milton Santos (2012, p. 153), o *espaço* configura-se como “um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante de nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções”. O espaço é um “campo de forças cuja aceleração é desigual”, levando a que cada lugar tenha seu ritmo de desenvolvimento.

*Lugar* é outro conceito íntimo de espaço, que parece inclusive o ter precedido, o lugar é “porção da face da terra identificada por um nome” (SANTOS, 2012, p. 152). Ainda para Milton Santos (apud SOUZA; GEMELLI, 2012, p, 15), *território* pode “ser compreendido como sinônimo de espaço geográfico socialmente organizado”, englobando objetos, ações e constituição de redes.

Por outro lado, para o geógrafo francês Claude Raffestin (1993, p. 144), o espaço é anterior ao território. Este é uma produção a partir do espaço. O *território* “é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível”. O ator “territorializa” o espaço ao se apropriar dele, concreta ou abstratamente. O território é “um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação”, conseqüentemente revelando relações de poder (RAFFESTIN, 1993, p.143).

A noção de *territorialidade* chegou até nós por meio dos naturalistas que se preocupavam com a territorialidade animal. Segundo Raffestin (1993, p. 162), a territorialidade humana deve ser compreendida pela apreensão das relações reais recolocadas no seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal. É fruto do conjunto de relações que tem sua origem na tríade sociedade-espaço-tempo. A territorialidade é dinâmica, pois as relações provenientes do sujeito-meio variam no tempo. E também necessita de uma exterioridade, uma “topia”, um lugar, assim como um espaço abstrato, como um sistema institucional, político ou cultural (RAFFESTIN, 1993, p. 160-161). O território é formado por relações de poder multidimensionais e a territorialidade é fruto dessas relações.

Assim, a territorialidade envolve as relações de poder vividas por um grupo que forma uma coletividade, estabelecendo por sua vez relações existenciais e de produção com a sociedade.

Um outro ponto de vista é destacado pelo pensador francês Michel de Certeau. O *espaço* é entendido como um *lugar praticado*. O espaço envolve vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. É animado por um conjunto de movimentos que ali se desdobram. Por outro lado, *lugar* é ordem “segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 2014, p. 184). Um lugar é uma configuração instantânea de posições, implicando estabilidade de um

“próprio” e distinto que o define. Por exemplo, “a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito” (CERTEAU, 2014, p. 184). Certeau (2014, p. 182 a 198) problematiza alguns aspectos teóricos e práticos da fronteira no capítulo IX - Relatos do Espaço. Escreve sobre fronteiras e pontes. Argumenta que “a fronteira funciona como um terceiro”, isto é, o espaço existente entre o lado de cá e o lado de lá da fronteira, “como um vácuo, símbolo narrativo de intercâmbios e encontros” (CERTEAU, 2014, p. 195).

O território, suas fronteiras e a população que o compõem têm historicidades. Isto implica em conceber território, fronteiras e população na dinâmica das temporalidades e das espacialidades. Implica em contemplar tempos diversos. As histórias de lugares são histórias de movimentos, de migrações, de conflitos e de transformações de espaços e paisagens. Assim como o espaço, o território é produzido (explorado ou utilizado) por formações sociais, com dinâmicas próprias e repletas de contradições. No interior dos territórios, estão presentes as especificidades locais, inerentes à dinâmica da sociedade e às peculiaridades de lugares e tempos históricos. Distribuição de renda, atendimento de necessidades, exercício da cidadania, participação política são vivências da dimensão humana que estão territorializadas, ou seja, ocorrem em lugares e em tempos diversos.

Fronteiras, espaços, lugares, territórios são engendrados por pessoas que se organizam em grupos. Vamos conhecer um pouco sobre os estudiosos da consciência e seu movimento migratório para a região de Tríplice Fronteira.

### 3 | MIGRAÇÃO CONSCIENCIOLÓGICA PARA FOZ

Foz do Iguaçu é um município marcado historicamente por ciclos econômicos e um incremento populacional referente a cada um desses momentos. Corrêa (2015, p. 54) sistematiza quatro ciclos principais: 1) de 1889-1970, da extração de madeira e cultivo de erva-mate, com acréscimo de 33.642 habitantes; 2) 1971-1980, da construção da hidrelétrica de Itaipu, com aumento de 102.000 habitantes; 3) 1981-1990, fase da exportação e turismo de compras, com incremento de mais de 74.000 habitantes; e 4) 1991-2010, período da globalização e abertura de mercados, com a chegada de 115.171 pessoas, perfazendo um total de 256.088 habitantes.

A migração conscienciológica insere-se nessa última etapa, porém ao que parece não possui relação com esses ciclos econômicos. Apresenta um acréscimo de número de habitantes bem mais modesto em comparação aos citados acima, girando em torno de oitocentas pessoas. No entanto, possui características peculiares. Para se compreender esse movimento de pessoas, ideias e ideais, apresentaremos um pouco de suas histórias, atores sociais e interesses.

A Conscienciologia, conforme já comentado anteriormente, é uma proposta de ciência sobre a consciência (personalidade ou ego), fundamentada pelas descobertas

relacionadas à física relativística e à física quântica, da primeira metade do século XX. Sugere o estudo da consciência *não confinada no cérebro*, em uma abordagem integral, denominada paradigma consciencial, ou seja, estudando eu, você (leitor), e todas as pessoas, além do corpo físico, englobando as bioenergias; além da atual vida humana, ampliando o escopo para as vidas passadas; e além desta dimensão material, quadridimensional, envolvendo a noção de espaço-tempo sutis (universos paralelos), acessíveis através de canais de percepção além dos cinco sentidos básicos (parapsiquismo). Foi sistematizada pelo médico, odontólogo e lexicógrafo brasileiro Waldo Vieira (1932–2015) na década de 80 (século XX).

A fim de desenvolver tais estudos, Waldo Vieira fundou uma organização chamada Centro da Consciência Contínua (CCC), em 1981, e posteriormente o Instituto Internacional de Projeciologia (IIP; que viria a se tornar IIPC, acrescentando a palavra “conscienciologia” à sigla), em 1988, no Rio de Janeiro, cidade onde ele residia. Foram desenvolvidas atividades pedagógicas, culturais e investigativas por meio de cursos, eventos e livros publicados sobre o tema, atraindo o interesse de pessoas que em geral já tinham tido alguma vivência transcendental ou possuíam curiosidade em temas tais como bioenergias, vidas passadas e o sentido da vida.

A epistemologia sugerida pela conscienciologia está fundamentada na autopesquisa, na experimentação pessoal, sintetizada no *Princípio da Descrença*, que diz o seguinte: “não acredite em nada nem mesmo no que lhe informamos neste texto. Experimente. Tenha suas experiências pessoais”. O objetivo é que as pessoas possam, com base nas suas vivências, pensarem por si mesmas, tirarem suas próprias conclusões, evitando dogmatismos tanto científicos quanto religiosos.

Com a ampliação dos cursos e pesquisas, os voluntários tiveram a ideia de planejar um campus de pesquisa fundamentado na conscienciologia. Em 1995, em reunião de um dos grupos de pesquisa, veio a doação de um terreno por uma voluntária iguaçuense. Tal doação desencadeou a fundação da Cooperativa de Colaboradores do IIPC (COOIIPC), administradora do CEAEC, 1º. campus da Conscienciologia, localizado em Foz.

A partir desse momento, iniciou-se um fluxo migratório de voluntários do IIPC de diversas cidades do Brasil e também do Exterior para Foz do Iguaçu a fim de colaborar com a materialização do projeto desse campus. Inicialmente, ao que parece, a maior motivação era essa, no entanto, com a transferência de residência de Waldo Vieira para Foz no ano 2000, essa onda migratória se intensificou. O proponente desse estudo veio morar dentro do campus, dedicado a um projeto intelectual que ele já iniciara no Rio de Janeiro, a *Enciclopédia da Conscienciologia*.

Considerando o período de 2003 até 2015, sobre o qual encontramos registros, os três anos de maior fluxo migratório em ordem decrescente foram: 2004, 2006 e 2003. A explicação para tais marcos, supõe-se que seja a seguinte: o ano de 2004 foi marcado pela transferência da sede do escritório do IIPC do Rio de Janeiro para Foz do Iguaçu; o ano de 2006, provavelmente ainda sinaliza o reflexo da mudança dos voluntários

do IIPC para Foz, pois nem todos tiveram condições de acompanhar a transferência imediata da sede em 2004; e 2003, foi a ocasião em que Waldo Vieira anunciou que não viajaria mais para ministrar cursos a fim de se dedicar integralmente aos projetos intelectuais (FERRARO, 2015, p. 136). Após essa breve contextualização da migração voluntária para Foz do Iguaçu, é possível definir e caracterizar a territorialidade desse grupo.

#### 4 | TERRITORIALIDADE CONSCIENCIOLÓGICA

A história de um lugar diz respeito às transformações do espaço desencadeadas a partir do movimento e ação de pessoas que para ali mudam e se estabelecem, no decorrer de um tempo, configurando a dinamicidade própria da territorialidade.

A territorialidade conscienciológica pode ser definida como o *modus vivendi* de um grupo, formado por uma coletividade, denominada *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional (CCCI)*, estabelecida na área rural de Foz do Iguaçu (Região Sul/Leste), a partir de 1995, composta por um sistema institucional de 23 organizações do terceiro setor, 11 condomínios residenciais, além de empresas convencionais, orientada pelo *corpus* de conhecimento proposto pela Conscienciologia, desenvolvendo por sua vez relações existenciais e de produção com a sociedade.

A CCCI é o conjunto de habitantes com uma vida em comum, afinizadas pelo vínculo ideativo da conscienciologia (VIEIRA, 2007, p. 811). O termo *cosmoética* refere-se à uma ética além da discutida na sociedade, incluindo não apenas todos os princípios vitais (seres vivos) já em voga na bioética, mas acrescentando as consciências extrafísicas, popularmente conhecidas como espíritos. O vocábulo *internacional* faz menção às pessoas estudiosas do tema por todo o globo. No entanto, a maior comunidade conscienciológica existente até o momento é a localizada em Foz do Iguaçu (VIEIRA, 2007, p. 812).

Repara-se que o vínculo entre as pessoas se dá antes de tudo pelas ideias, e não por condição étnica, política, religiosa ou econômica. O processo da migração envolve o partilhamento de um mesmo vínculo intelectual que tem suas raízes em dimensões espaço-temporais não-físicas. Apesar da abordagem transcendente, a proposta não tem como base mistificações ou religiosidades. Do mesmo modo que no mundo subatômico, os elementos podem se manifestar ora como partícula (material) ora como onda (imaterial), fruto dos achados da Física Quântica; segundo a Conscienciologia, a consciência humana manifesta-se nesta dimensão material com o corpo físico, no entanto, sua essência seria imaterial, com origem “extrafísica” e as bioenergias seriam o elemento de conexão entre o corpo físico e outros corpos de manifestação mais sutis.

Assim, no cerne da territorialidade conscienciologica está a questão existencial. A busca pelo sentido da vida, indo além das questões de sobrevivência e de trabalho.

Seria uma evocação de memórias vividas antes do nascimento. De onde viemos e para onde vamos voltar. O vínculo intelectual teria se estabelecido nos cursos intermissivos, ou seja, em estudos sobre a evolução pessoal e grupal, inclusive com planejamento do que viria a ser prioritário realizar após o nascimento, realizados entre uma vida humana e outra, ou seja, entre uma “missão” e outra. A vida nesta dimensão material seria um intervalo na vida mais permanente, extrafísica e própria das consciências.

Nesse sentido, as noções conscienciológicas evocam a filosofia de Sócrates que chegou até nós pelos escritos de Platão. O conhecimento, assim, não estaria nas coisas, mas na essência de nós mesmos. A mãe do Sócrates era parteira. Ele dizia que fazia a mesma coisa que sua mãe realizava, porém no campo das ideias. Todos nós já temos conhecimento, porém esquecemos. Precisamos retornar ao conhecimento original e fazer um mergulho em nós mesmos. Conhecimento seria reminiscência, portanto a alma deve existir antes do nascimento. Conhecimento refere-se nesse contexto às noções e conceitos universais e não ao conhecimento empírico, que depende dos sentidos do corpo humano. Essa vida não favorece o conhecimento. Quanto mais a pessoa se apega às coisas temporais mais esquece o essencial, o que sabia antes de nascer. Viver com foco só na matéria é colocar mais cobertas sobre o conhecimento.

Para Sócrates, a morte deve gerar a vida tanto quanto a vida gera a morte. Além disso, de acordo com o filósofo (apud RUSSELL, 2015, p. 183-184), somente “o que é complexo pode se dissolver, e que a alma, bem como as ideias, é simples e não se compõe de partes. O que é simples não pode ter início, fim ou mudança. Ora, as essências são imutáveis...” Assim, as coisas vistas são temporais, e as invisíveis são eternas. O corpo é visto, contudo a alma não, então a alma deve ser incluída no rol das coisas eternas.

Do ponto de vista de Sócrates, esse mundo nos fornece cada vez mais opinião (doxa). A verdade seria una, a opinião é variada de acordo com a interação com o cotidiano. A solução é travar essa relação na dialética, que Sócrates chamava de maiêutica, um diálogo que leva a patamares superiores de diálogos. O esbarrar das opiniões faz com que elas se imbriquem e mostrem sua fragilidade. É nesse processo que é possível se aproximar da verdade. Talvez por isso o debate seja valorizado pelos estudiosos da conscienciologia, sendo realizado diariamente no *tertuliarium*. Este debatódromo é um dos 39 ambientes do CEAE, construídos aos poucos, conforme detalhamento a seguir:

- o *Tertuliarium*, um anfiteatro construído para a realização das tertúlias ou debates diários com 2 horas de duração e transmitidos pela internet;
- o edifício separado em dois departamentos: o *Holociclo*, local de produção da Enciclopédia da Conscienciologia e a *Holoteca*, ambiente dedicado à pesquisa e exposição de artefatos culturais;
- um auditório para realização de cursos e eventos, denominado *Auditorium*;
- um *laboratório de experimentação grupal* da técnica do acoplamento energético, ligação bioenergética promovida pelo professor com os alunos, cha-

mado *Acoplamentarium*;

- 17 laboratórios de experimentação individual de técnicas e temáticas variadas, tais como auto-organização, estado vibracional (técnica para treino das energias pessoais), retrocognições (lembrança de vidas passadas a partir do uso de músicas), programação existencial (proéxis) ou o planejamento feito antes do nascimento sobre o que realizar nesta vida, entre outros;
- um laboratório de ectoplasma, o único no campus equipado com instrumentos, a fim de pesquisar as personalidades ectoplastas, detentoras de energias densas;
- a Aleia dos Gênios da Humanidade, fileira de arbustos intercalados com bustos de personalidades consideradas extraordinárias pelas suas contribuições para o avanço da Humanidade;
- a Pista de caminhada (circular), caminho que possibilita o acesso aos 17 laboratórios e onde se localizam os bustos citados;
- a Casa do Pesquisador (Village), alojamento com 12 quartos para hospedagem com capacidade para até 3 camas por quarto;
- o Caminho da Lógica, nome proposto para o trajeto entre o Village e o Holociclo;
- o fitolab, local dedicado ao cultivo de plantas e horta;
- o Marco Central, que se localiza no centro do terreno I do CEAEC tendo se transformado na Praça da Paz, por possuir 3 monumentos dedicados ao tema: o Megálito da Paz, a bandeira da Organização das Nações Unidas (ONU) e Rosa dos Ventos;
- o Pavilhão Pedagógico, com salas de aula;
- a recepção ao público, entre o restaurante e a livraria;
- a portaria junto com estacionamento;
- dois condomínios: Residencial Intermissivo (terreno I) e chalés (terreno II).



Figura 1. Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC).

Fonte: <http://www.conscienciologia.org.br/campus/campus-ceaec/> - Acesso em: 08 jan. 2016.

Na figura 1, observa-se que os laboratórios conscienciológicos compõem a principal paisagem do CEAEC, pois estão dispostos um ao lado do outro, formando um grande círculo no terreno I do CEAEC. Olhando-se de cima, em vista aérea, são 15 edificações dispostas de modo contíguo, além do antigo Laboratório do Cosmograma (cuja construção é circular e de dois andares, situando-se entre os 15 laboratórios e o edifício da Holoteca e do Holociclo, em formato de curva). Cosmograma é uma técnica de pesquisa de recolta, identificação e arquivamento de notícias de jornais e revistas, através da associação de ideias e da interação das ocorrências abordadas pelo pesquisador. O 17º. laboratório não consta dessa fotografia aérea. Esta última construção localiza-se no canto esquerdo da figura e foi inaugurada em 2013. O prédio redondo com cúpula no canto superior da figura é o *Tertularium*.

Esses 17 laboratórios de autopesquisa estão fundamentados no paradigma consciencial, no qual o investigador é sujeito e objeto de pesquisa. Diferente dos laboratórios convencionais, recheados de equipamentos, os conscienciológicos utilizam livros, planilhas para registro, papel e caneta, sendo o aspecto mais importante ser seu funcionamento como câmaras de reflexão. A exceção é o laboratório de ectoplasmia.

Em torno da questão existencial, giram os demais aspectos relacionados à territorialidade: migração, território, memória e lugares. Migra-se de um lugar para outro lugar. Lugares são processos, não têm identidades únicas; a especificidade de um lugar é continuamente reproduzida (GREGORY, 2011, p. 22).

Nesse processo da dinamicidade do espaço geográfico constantemente reinventado, o CEAEC teve a função de lugar de ancoragem para o surgimento do bairro Cognópolis. Esse *Bairro do Saber* nasceu oficialmente no dia 23 de maio de 2009, por decreto oficial, concomitante com a aprovação na prefeitura do condomínio *Villa Conscientia*. Anteriormente, o bairro chamava-se Imóvel Tamanduazinho, fazendo referência ao rio de mesmo nome que percorre o território. A oficialização pode ter o significado de poder sobre o território.



Figura 2. Bairro Cognópolis.

Fonte: Informativo AIEC, 2009, p. 1.

O bairro abrange 7 milhões de m<sup>2</sup>, conforme a grande área delimitada pelas avenidas das Cataratas, República Argentina e Maria Bubiak na figura 2. Cognópolis não é um bairro exclusivo da Conscienciologia. A área com contorno em linha branca, próxima à Av. Maria Bubiak, possui 1,7 milhão de m<sup>2</sup>, correspondendo aos condomínios e terrenos das instituições da conscienciologia além de área verde. No entanto, desse total, há 22.785m<sup>2</sup> de área construída. Nessa metragem incluem-se os 4 *campi* de pesquisa: CEAEC; Assinvéxis (Associação Internacional de Inversão Existencial); OIC (Organização Internacional de Consciencioterapia) e; *Reaprendentia* (Associação Internacional de Parapedagogia e Reeducação Consciencial), além do *Discernimentum* que reúne as demais instituições e empresas. Os 11 condomínios voltados para conscienciólogos são: Campo dos Sonhos, Integração, Serenologia, Cosmoética, Evolução, *Villa Discernimentum*, Residencial Intermissivo, Chalés do CEAEC, casas no campus da Assinvéxis, Rose Garden, além do *Villa Conscientia* (PARO, 2015).

O CEAEC tem se consolidado como ponto turístico, conforme se observa no documento “Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu”, elaborado pela Secretaria Municipal de Turismo da cidade (SMTU, 2013, p. 63), no título Atrativos Turísticos, no subtítulo Realizações Técnicas e Científicas Contemporâneas - Centros de Pesquisa.

Ao lado do CEAEC, foi inaugurado em 2014, o Hotel *Mabu Interludium Iguassu Convention*, empreendimento promovido pela Associação Internacional para Expansão da Conscienciologia (AIEC), uma das instituições conscienciológicas.

Os turistas seguem as 3 placas instaladas pela prefeitura para chegar até a Cognópolis: uma na avenida das Cataratas, sinalizando para seguir pela avenida Iguaçu, a segunda nesta avenida orientando entrar na rua Felipe Wandscheer e a

terceira, indicando a rua da Cosmoética, onde se localiza o Hotel e o CEAEC. O nome da rua também foi uma mudança provocada pela presença dos migrantes na região. O nome antigo era rua dos Ipês.

Bairro Cognópolis, rua da Cosmoética, placas de rua “Conscienciologia”, sinalizam “que a influência da Conscienciologia ultrapassa os muros do CEAC (sic), agindo sobre a realidade geográfica e espacial, participando diretamente da sua construção e transformação” (DANIEL, 2014, p. 106). O ato de nomear é algo constante entre tais estudiosos, especialmente pelo propositor desse estudo, Waldo Vieira. Só ele, criou mais de 14.000 vocábulos ou expressões novas para língua portuguesa, apresentados no *Dicionário de Neologismos da Conscienciologia*, organizado pela voluntária e lexicógrafa Lourdes Pinheiro (2014). Sobre os neologismos, veja também o artigo publicado por Ísis Ribeiro Berger, na área de Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), , “As *Logias* da Conscienciologia: estudos dos processos neológicos na formação de palavras da neociência da consciência”, *Work. Pap. Linguíst.*, 12(1): 53-62, Florianópolis, jan. jun. 2011.

A linguagem contribui para a construção e formação da realidade social (BORDIEU, 2008), pois a linguagem representa o modo de pensar dos sujeitos. Quando existe um grupo de pessoas que compartilham dos mesmos pensamentos, que por sua vez materializam discursos semelhantes, forma-se, a partir disso, uma realidade. De acordo com este autor, o discurso proferido por locutor socialmente reconhecido tem o poder de influenciar determinada maneira de ver o mundo.

Assim, a transformação do espaço geográfico é acompanhada pela transformação linguística, moldando o território de acordo com a visão de mundo da Conscienciologia. A forma como esse grupo enxerga o bairro e a rua, por exemplo, renomeando-os, tem alcance expandido para a compreensão da própria cidade, batizada de “Megalópole Cosmopolita”, título de artigo de Waldo Vieira para o periódico local “A Gazeta do Iguaçu”, do dia 02 de janeiro de 2013. Foz é apresentada como um município de zona urbana vasta, com grande concentração populacional, considerando as localidades urbanas vizinhas, própria da região da tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina (Trifron), cuja marca seria o cosmopolitismo, ou seja, a terra de todos ou a pertença a todos os três países mencionados. Vanessa Daniel (2014, p. 113), que analisa em artigo as metáforas produzidas pelo grupo da Conscienciologia na Tríplice Fronteira, conclui que “o grupo estudado propõe, através da palavra, a criação de um novo lugar, não apenas no sentido de um bairro ou área habitacional, mas um espaço de conhecimento, ético e fomentador de novas ideias, que recria a região simbolicamente”.

## 5 | CONCLUSÕES

Esse artigo teve como objetivo a caracterização da territorialidade conscienciológica e sua relação com processo migratório de um grupo para região fronteira. Uma

equipe de estudiosos acerca da consciência humana realizou movimento migratório, a partir de 1995, em direção à região rural de Foz do Iguaçu, em um processo de agregação ou união em torno de um centro de pesquisa da consciência, o CEAEC, a fim de estreitar os laços de convivência.

Essa migração possui caráter intelectual, ou seja, motivada pelas ideias da conscienciologia. O estudo é um valor para esse grupo, conforme pode se constatar pelo acervo de 101.980 livros e obras escritas, 7.028 dicionários e enciclopédias e mais de meio milhão de notícias de periódicos, localizados no edifício da Holoteca e do Holociclo, além de 83 voluntários que se tornaram autores com livros publicados sobre conscienciologia (Data-base: 20/02/2017). Esses números foram retirados do documento “Pontoações do CEAEC” produzido pelos migrantes e organizado pela autora deste texto. Esse aspecto intelectual tem sido motivo de atração para visitas regulares de alunos e professores provenientes de escolas e universidades públicas e particulares da região oeste do Paraná.

A territorialidade conscienciológica possui especificidades do ponto de vista espacial, tanto geográfica quanto abstrata, observadas por um lado na arquitetura, tipos e propósito das edificações, monumentos e lugares criados, por outro lado por meio da linguagem, na nomeação desses lugares e na própria reinvenção de vocábulos, em um misto de transformação territorial, cognitiva-linguística e social.

Ao que parece, o espaço geográfico organizado socialmente por tal grupo com suas respectivas práticas culturais desempenhadas por meio de estudo, reflexão e treino bioenergético, é uma tentativa de concretizar nesta dimensão material, reminiscências de aprendizados desenvolvidos em período intermissivo (entre missões ou entre uma vida material e outra), antes do nascimento. Nessa linha de raciocínio, é possível dizer que, se valendo de uma expressão utilizada pelo professor de geografia Rogério Haesbaert (2012, p. 39), os conscienciólogos podem “carregar consigo sua territorialidade”, na condição de referência espacial de “identidade intermissiva”. Pois, a territorialidade conscienciológica possui tanto uma dimensão física-concreta quanto uma dimensão abstrata. Diferentemente de uma identidade étnica, que possui referências locais (bairros ou regiões) ou nacionais (Estado), a “identidade intermissiva” visa romper as fronteiras entre o material e o imaterial, o temporal e o essencial, lugares físicos e lugares extrafísicos.

A territorialidade conscienciológica sugere uma epistemologia fundamentada na autopesquisa, na experiência pessoal, em vivências. Rompe-se com a fronteira entre teoria e prática, entre verbo e ação. Busca-se a compreensão das vivências e não sua explicação. Resgata-se aqui a noção weberiana de *verstehen*. Este termo foi traduzido por “compreender” opondo-se a “explicar”: explicar remete à análise causal feita de fora, enquanto, compreender implica uma empatia, uma capacidade de ver as “coisas” desde dentro (LAPASSADE, 2005, p. 70). Essa consideração remete a outra discussão, a ser feita em outro lugar, por fugir do foco desse breve trabalho.

O debate em torno de um lugar e do eu, ou de um lugar e do nós tem relação

com discursos a respeito do passado e do presente de determinados grupos em determinados lugares. O vivido vem a ser uma construção fundamentada em alguns elementos escolhidos a partir de objetivos estabelecidos e da busca da configuração de espaços simbólicos (GREGORY, 2011, p. 26).

## REFERÊNCIAS

BORDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

COGNÓPOLIS. **Informativo AIEC**, Foz do Iguaçu, ano 2, n. 2, ed.1, p. 1, maio 2009.

CORRÊA, R. **IDS–Foz do Iguaçu**. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2015.

DANIEL, V. C. Z. Metáforas da Tríplice Fronteira. In: PEREIRA, D. A. (Org.). **Cartografia imaginária da Tríplice Fronteira**. São Paulo: Dobra Editorial, 2014.

FERRARO, C. **Migração conscienciológica para Foz do Iguaçu**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES (CONINTER) 4, 8 a 11 de dezembro de 2015, Foz do Iguaçu. ISSN 2316-266X, p. 122-140. Disponível em: <http://www.aninter.com.br/Anais%20Coninter%204/GT%2016/09.%20MIGRACAO%20CONSCIENCIOLÓGICA%20PARA%20FOZ%20DO%20IGUACU.pdf>. Acesso: 01 mar. 2017.

FOZ DO IGUAÇU (PR). Secretaria Municipal de Turismo. Dep. de Desenvolvimento de Turismo. Divisão de Estatísticas e Estudos Turísticos. **Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu**. Foz do Iguaçu (PR): SMTU, 2013.

GREGORY, V. Fronteiras, migrações e imaginários. In: VANDERLINDE, T. (org.). **Fronteira**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

HAESBAERT, R. Diásporas e Migrantes. **Humanidades**, Brasília, n. 59, p. 39, out. 2012.

LAPASSADE, G. **As microssociologias**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

MARTINS, J. de S. O tempo da fronteira. In: \_\_\_\_\_. **Fronteira e degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MYSKIW, A. M. Fronteira. In: MOTTA, M. (org.). **Dicionário da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

PARO, D. Cognópolis. **Holotecologia**, Foz do Iguaçu, n. 2, p. 91–93, 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RUSSELL, B. **História da filosofia ocidental**. Livro 1: a filosofia antiga. 1. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. 6. Ed. 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SOUZA, E. B. C. de. & GEMELLI, V. Território, região e fronteira. In: SOUZA, Edson B. C. de. (org.). **Estudos regionais**. Cascavel: Edunioeste, 2012.

VIEIRA, W. **Enciclopédia da Conscienciologia**. 3. ed. Foz do Iguaçu: Associação Internacional EDITARES, 2007. 2 vols. Tomo I, A-G.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-019-3

